

Artigo

Constituição subjetiva e debilidade mental na obra de Maud Mannoni

Rayane Aparecida Garcia; Vlândia Jamile dos Santos Jucá

Resumo. O presente artigo apresenta os impasses na constituição subjetiva nos casos de debilidade mental, a partir das teorizações de Maud Mannoni, com destaque para suas observações acerca da relação da criança com o fantasma materno. Realizou-se uma pesquisa teórica, para a qual foram selecionados, além do livro “A criança retardada e sua mãe”, referência central para a temática proposta, outros textos da autora e dos seus comentadores destinados a tratar da constituição subjetiva e dos impasses que aparecem sintomaticamente como um atraso no desenvolvimento. Foram ainda observadas e destacadas as influências de Freud e de Lacan na discussão clínica realizada pela autora. Percebemos que a posição da criança diante do fantasma materno é fundamental para compreender esta clínica para além dos sintomas apresentados.

Palavras chave: constituição subjetiva; debilidade; Maud Mannoni.

Constitución subjetiva y debilidad mental en la obra de Maud Mannoni

Resumen. Este artículo presenta los impasses de la constitución subjetiva en casos de debilidad mental, a partir de las teorías de Maud Mannoni, con énfasis en sus observaciones sobre la relación del niño con el fantasma materno. Se realizó una investigación teórica, para la cual, además del libro “El difunto niño y su madre”, referencia central para el tema propuesto, se incluyeron otros textos de la autora y sus comentaristas que abordaron la constitución subjetiva y los impasses que fueron seleccionados sintomáticamente como un retraso en el desarrollo. Las influencias de Freud y Lacan también fueron observadas y destacadas en la discusión clínica realizada por el autor. Se nota que la posición del niño frente al fantasma materno es fundamental para comprender esta clínica más allá del aspecto sintomático.

Palabras clave: constitución subjetiva; debilidad; Maud Mannoni.

* Mestranda em Teorias e Práticas da Psicanálise pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil. E-mail: rayanegarcia@yahoo.com.br

** Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil. E-mail: vladiajuca@ufc.br

Subjective constitution and mental debility in the work of Maud Mannoni

Abstract. This scientific article presents the impasses in the subjective constitution in cases of mental debility from the theorizations of Maud Mannoni, highlighting her observations on the relationship of the child with the maternal fantasy. A theoretical research was carried out, for which we have selected, in addition to the book "The retarded child and his mother", central reference for the proposed theme, other texts of the author and her commentators that dealt with the subjective constitution and the impasses that appear symptomatically as a delay in development. The clinical discussion conducted by the author revealed and emphasized the influence of Freud and Lacan. We realized that the position of the child in face of the maternal fantasy is fundamental to understand this clinic beyond the symptomatic aspect.

Keywords: subjective constitution; mental debility; Maud Mannoni

Constitution subjective et débilité mentale dans l'oeuvre de Maud Mannoni

Résumé. Cet article présente les impasses de la constitution subjective dans les cas de faiblesse mentale, à partir des théories de Maud Mannoni, en mettant l'accent sur ses observations sur la relation de l'enfant avec le fantôme maternel. Une recherche théorique a été réalisée pour laquelle, outre le livre "L'enfant attardé et sa mère", référence centrale pour le thème proposé, ont été sélectionnés d'autres textes de l'auteur et de ses commentateurs, visant à traiter de la constitution subjective et les impasses qui apparaissent symptomatiquement comme un retard de développement. Les influences de Freud et de Lacan ont également été observées et mises en évidence dans la discussion clinique menée par l'auteur. On se rend compte que la position de l'enfant face au fantôme maternel est fondamentale pour comprendre cette clinique au-delà des symptômes présentés.

Mots-clés: constitution subjective; débilité; Maud Mannoni.

A debilidade, em termos gerais, remete à lógica da insuficiência e do déficit das atividades intelectuais. Tal noção e a clínica que dela deriva estão ligadas ao campo das investigações psiquiátricas, no qual as hipóteses etiológicas de base orgânica se fazem presentes (Santiago, 2007). A referida autora problematiza a realização do diagnóstico por meio de testes, assim como o percurso da semiologia da debilidade no âmbito da psiquiatria, passando para o campo da pedagogia e da educação no início do século XX.

Antes da passagem para o domínio da educação e da psicologia, a noção de debilidade esteve vinculada à psicose e à idiotia (Bercherie, 1983/2001). Sob os olhares da pedagogia e da psicométrica, surgiram as classificações referentes ao coeficiente de inteligência, sendo as dificuldades de aprendizagem escolar associadas à debilidade. A partir deste momento, a debilidade mental progressivamente substituiu a categoria de idiotia e operou como nosologia diferenciada da psicose. Importante destacar que a noção de idiotia, conforme Santiago (2007), fundamentou a construção da debilidade mental.

Vale destacar que, para fins deste artigo, utilizaremos o termo debilidade mental para manter aquele empregado por Maud Mannoni. Além do mais, é importante esclarecer que a psicanalista o utilizou dentro de um determinado contexto histórico em que a clínica da debilidade ainda era pouco discutida na psicanálise. Com sua atuação clínica e sua obra, Mannoni buscou "introduzir este sujeito na psicanálise" (Laurent, 1991, p. 132).

Debilidade não se confunde com a deficiência intelectual, como se compreende na atualidade. Manter a terminologia utilizada por Mannoni significa não apenas sustentar uma nosologia, mas sobretudo evidenciar a contribuição da autora para operar clinicamente com as questões subjetivas que aparecem sintomaticamente sob a forma de uma dificuldade em aprender. Entendemos, assim, que "deficiência intelectual e debilidade não são exatamente a

mesma coisa, mas a segunda noção problematiza e pode esclarecer a questão subjetiva que envolve a primeira” (Ferreira & Batista, 2017, p. 48).

Considerando esta importante contribuição de Mannoni para a clínica com crianças, no presente artigo serão apresentados os impasses na constituição subjetiva nos casos de debilidade mental, a partir das teorizações da autora, com destaque para suas observações acerca da relação da criança com o fantasma materno. Esperamos, com o resgate das contribuições de Mannoni, fortalecermos o movimento de resistência que procurar solidificar o raciocínio clínico em detrimento da dissolução do sujeito em um conjunto de sintomas.

Diante do objetivo proposto, o artigo encontra-se estruturado em quatro partes. Em primeiro plano, será descrita a relação do sintoma da criança com o fantasma materno. Como segundo ponto de discussão, será abordada a constituição do sujeito, considerando, especialmente, as ideias herdadas por Mannoni em relação às teorias freudiana e lacaniana. Como terceiro ponto, priorizando o entendimento de Mannoni, serão apresentados os impasses na separação nos casos de debilidade.

Ressalta-se que, embora, à primeira vista, se possa inferir uma proximidade com a psicose, ainda assim não se trata dessa estrutura psíquica, já que a debilidade mental, apesar da questão orgânica, é uma posição do sujeito frente ao desejo do Outro.

E, para finalizar, será articulado o desejo de saber da criança débil e a fala, tendo em vista a posição subjetiva ocupada pela criança.

O sintoma da criança como resposta ao fantasma materno

Nos manuais psiquiátricos atuais, o diagnóstico vigente para as dificuldades de aprendizagem é o de deficiência intelectual no DSM-V, que corresponde ao diagnóstico de transtornos do desenvolvimento intelectual na nova CID-11, em vigor desde 2022. O termo “retardo mental” também já foi utilizado como nomeação para essa classificação psiquiátrica, posteriormente substituído. Em ambas as classificações, esses diagnósticos são organizados em níveis de gravidade, estipulados de acordo com o déficit do funcionamento adaptativo e intelectual.

O déficit das funções intelectuais, consideradas no diagnóstico, está relacionado ao pensamento abstrato e à capacidade de resolver problemas. Por sua vez, o funcionamento adaptativo diz respeito ao esperado de uma criança em comparação à média das crianças de uma mesma idade, mesmo gênero e em um contexto sociocultural semelhante. O diagnóstico se fundamenta em avaliação clínica e aplicação de testes padronizados. Tanto na perspectiva médica quanto na psicométrica, o desenvolvimento do sujeito está ligado às condições de um amadurecimento biológico e, a cada etapa de evolução, entende-se que o sujeito deve corresponder e consolidar determinadas etapas relacionadas à idade.

Na proposta psicanalítica, a concepção não é de posicionar sujeito em uma escala de amadurecimento puramente biológico, conforme compreendido por teorias psicológicas do desenvolvimento em que o sujeito vai progredindo ao longo da sua maturidade. Isto porque o sujeito do inconsciente não se confunde com o indivíduo das ciências sociais nem com a pessoa como categoria antropológica. Para a psicanálise de orientação lacaniana, comungada por Mannoni, o sujeito é um conceito específico atrelado às formações do inconsciente e não se confunde com o eu, emergindo como efeito de linguagem (Elia, 2004).

Por isso, o eixo da reflexão desse trabalho não é o déficit cognitivo por si, mas a posição na qual o sujeito se situa em relação ao desejo do outro. Tal subversão teve como um marco a

prática clínica de Maud Mannoni com as crianças consideradas, à sua época, débeis. A autora teve papel fundamental na desconstrução da debilidade compreendida somente pelo déficit cognitivo ou como derivada apenas de condições orgânicas. Como contraponto a tais perspectivas, priorizou a reflexão acerca do lugar ocupado pela criança no fantasma dos pais.

A autora adverte que “a debilidade concebida como déficit capacitário isola o sujeito na sua deficiência. Procurando para a debilidade uma causa definida, nega-se que ela possa ter um sentido” (Mannoni, 1964/1995, p. 30). É a partir desse impasse que Mannoni persiste na busca pelo entendimento do sentido que teria a debilidade para os pais e para a criança. O sintoma da criança, portanto, deve ser considerado como um elemento que nos convoca a pensar a criança em seus laços sociais.

A construção teórica acerca da debilidade de Mannoni está ligada à sua atuação clínica por mais de 15 anos em uma instituição que recebia crianças com diagnóstico de falsa e verdadeira debilidade. O trabalho realizado e a experiência clínica adquirida resultaram na escrita da obra “A criança retardada e a mãe” no ano de 1964. Depois disso, ela ainda buscava sempre teorizar a partir da sua atuação na clínica com crianças e adolescentes.

A partir do trabalho de Mannoni, “o diagnóstico psicométrico é questionado priorizando-se o que o discurso do sujeito débil e o dos respectivos pais podem revelar sobre o verdadeiro sentido da debilidade” (Santiago & Mrech, 2017, pp. 197-198).

Desde a época da escrita do trabalho sobre a clínica da debilidade, por volta dos anos 60, Mannoni (1970/1971) manteve-se vinculada ao movimento da antipsiquiatria. Colocou em discussão, por exemplo, o saber absoluto que a psiquiatria detinha sobre qualquer patologia, um saber médico situado acima da verdade do sujeito.

Maud criticava o modelo asilar das instituições, que excluía o sujeito com diagnóstico com o intuito de segregá-los. Em nome de uma normalidade, acreditava-se que não seria possível integrá-los (Mannoni, 1970/1971). Isso demonstra seu engajamento em não reduzir a clínica, seja em espaços institucionais ou não, em pressupostos que subtraíam a loucura em sintomas classificáveis “cujos efeitos se traduzem pela rejeição de uma verdade e a objetivação de um saber” (Mannoni, 1970/1971, p. 72).

Por isso, o retorno à Mannoni fortalece a discussão que leva em conta uma clínica do sujeito em resistência a uma clínica dos sintomas. Uma vez que, como supracitado, os manuais não priorizam o raciocínio clínico que indaga pelo sentido dos sintomas. O aumento gradativo dessas classificações e diagnósticos que são pautados em modelos descritivos deixa pouco espaço para problematizar os laços sociais na constituição subjetiva das crianças. O deslocamento do saber que o sujeito tem de si e sua colocação nas mãos de um outro que o quantifica contribui para um silenciamento daquilo que buscamos, especialmente neste trabalho, algo de mais primordial que simplesmente classificar e nomear.

A partir dessa lógica subversiva das formas de expressões da subjetividade, à medida em que os tratamentos com as crianças avançavam, Mannoni (1964/1995) percebeu que a retomada do desenvolvimento delas e a melhora do rendimento escolar eram acompanhadas pelo adoecimento de suas mães. Além desta observação clínica, mesmo com a comprovação de um baixo índice no coeficiente de inteligência, algumas crianças tinham êxito escolar. Crianças com a mesma medida de coeficiente se desenvolviam de formas distintas, algumas aprendiam, eram bem-sucedidas, e outras tinham menos êxito. A autora, então, questiona: “por que razão há débeis ‘estúpidos’ e débeis ‘inteligentes’, com Q.I. idênticos” (Mannoni, 1964/1995, p. 15).

Por meio do olhar da psicanalista sobre a relação da mãe-criança, a autora testemunhava, ainda, que a mãe se colocava em uma posição inconsciente de recusa à lei do pai. A mãe

renunciava às tentativas de entrada de um terceiro e, ainda assim, Mannoni não situava a debilidade em uma estrutura psíquica.

Para os psicanalistas, segundo Sanches (2008), há um consenso na compreensão da debilidade mental: “um sujeito submetido ao Outro, de um modo muito particular, servil e literal” (p. 26). Não se trata de uma estrutura clínica da debilidade, como na psicose ou na neurose, mas de um impasse na constituição subjetiva.

A princípio, através das suas vinhetas clínicas sobre a clínica da debilidade, a psicanalista apresenta a construção teórica em torno do lugar ocupado pela criança no tecido familiar, mas enfatiza ser a relação da mãe com a criança fundamental para que se permita ou não a entrada de um terceiro (Mannoni, 1964/1995).

Sobre a importância de compreender a relação da mãe com a criança, Mannoni (1967/1980) afirma que “o valor dado pela mãe a tal forma de doença transforma a criança em objeto de troca, criando uma situação particular em que a criança vai procurar escapar à tutela paterna” (p. 64).

A realidade da doença, mesmo que orgânica, induzia a criança a responder além do lugar determinado pela fraqueza intelectual, mas também fazer face “ainda à maneira pela qual a mãe utiliza esse defeito num mundo fantasmático que acaba por ser comum a ambos” (Mannoni, 1967/1980, p. 65).

Mannoni (1967/1980) criticava, por exemplo, movimentos de analistas ingleses nos quais o trabalho estava em torno da criança, desconsiderando compreender as relações familiares; para ela, esses analistas “não se interrogam jamais sobre o lugar da palavra da mãe no mundo fantasmático da criança, nem sobre o lugar do pai na palavra da mãe” (p. 59).

Para melhor compreensão da teorização a respeito da relação fantasmática, faz-se necessária a apresentação de algumas definições com relação aos conceitos tanto de fantasia como o de fantasma, já que, principalmente na obra “A criança retardada e sua mãe”, os referidos termos indicam que foram traduzidos como sinônimos, o *fantôme* e o *fantasme* em francês, traduzidos para o português como fantasia.

Apesar disso, cremos ser relevante apresentar a construção do termo fantasma e o que ele representa e, desta forma, não ignorar o contexto em que Mannoni utiliza os termos *fantasme* e *fantôme*. Embora tenham sido utilizados como sinônimos, encontramos o *fantôme*, na obra original, em três momentos pontuais.

No primeiro deles, o contexto é o seguinte: as mães, tomadas por angústia e solidão diante dos filhos ditos anormais, são “assediadas por *fantasias* de que não podem falar” (Mannoni, 1964/1995, p. 8). São feridas que vão atravessar a forma como a mãe vai maternar a criança, visto que o ser mãe aponta para uma expectativa social que dificulta, inclusive, numa aposta na criança em avançar na sua subjetividade. Nesse caso, a expressão em francês está no plural, *fantômes*, traduzido por *fantasias*, em que o contexto dessa passagem diz de algo que angustia e que marca a mãe diante da verdade sobre o que seus filhos são e, portanto, essa angústia remete a algo, mas não se autoriza dizer.

No segundo momento, o termo *fantôme* (Mannoni, 1964/1995, p. 32), usado no singular, faz referência às expectativas dos pais com relação ao tratamento de seus filhos, no qual se deposita que o analista proporcionará a cura da criança ou, em outros momentos, quando a transferência se torna negativa, o trabalho é tomado como ineficaz. Isso que se apresenta através dessa espécie de exigência dos efeitos da análise vai se manter durante seu curso, pois diz respeito ao julgamento que os pais fazem, cabendo ao analista não se tornar suporte desse lugar dito como

“milagroso”. Inclusive, esse lugar no qual é colocado o processo analítico estará também entre a relação do analista e a criança. (Mannoni, 1964/1995).

No terceiro momento, Mannoni está apresentando um fragmento de uma cena de um caso clínico. O caso em si relata a experiência de uma mãe que, com o nascimento da filha, precisou assumir funções anônimas que se sentiu condenada a desempenhar, devido às demandas de cuidados exigidas para que a filha, nascida prematura e com dificuldades na alimentação, sobrevivesse. Assim, essas funções, na interpretação de Mannoni, foram tomadas, mas não reconhecidas, gerando um processo de luto não elaborado pela mãe. Voltando à cena do atendimento na qual aparece o termo *fantôme*, ocorreu o seguinte: a mãe falava do medo de que Isabelle (a paciente) morresse como o primeiro bebê, seu irmãozinho. Nesse caso, o nascimento de Isabelle simbolizava o fantasma do bebê morto, tendo sido evocado pela palavra da mãe naquele momento: “a criança evocou a fantasia do bebê morto” (Mannoni, 1964/1995, p. 134).

Entende-se que, nessas três passagens, o termo *fantôme* não foi empregado aleatoriamente. Apesar de Mannoni embasar sua atuação clínica na psicanálise lacaniana, especificamente nessas citações, parece-nos que a autora não faz referência ao fantasma como conceito desenvolvido por Lacan, mas de algo da ordem de um reaparecimento que causa angústia e assombra. Essas passagens se aproximam das ideias contidas no texto de Freud traduzido como “O inquietante” na edição da Companhia das Letras, no qual o autor relaciona a situações que despertam sentimentos relacionados a vivências de algo não familiar que provoca angústia e horror, mas, ao mesmo tempo em que seu sentimento é o de estar pela primeira vez vivendo determinada situação, isso também remete a algo velado e que deveria se manter escondido. No entanto, (re)apareceu (Freud, 1919/2010): “O inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar” (p. 249).

Em relação à tradução do termo fantasma e suas variações, Poli (2010) acredita que o termo, no Brasil, é uma espécie de neologismo e existem duas formas para traduzir o termo “fantasia”: uma pelo termo *fantasie* (em desuso) e outra pelo *fantasme*. Todavia, quando se pretende dizer “fantasma”, a palavra remete a um tipo de aparição, uma assombração, “não há dúvidas: a palavra a ser usada será *fantôme*, bastante alheia ao vocabulário psicanalítico” (p. 43).

A respeito do fantasma como conceito da teorização de Lacan, em Maud Mannoni encontramos algumas ideias trabalhadas mais especificamente na obra “A criança, sua doença e os outros” (1967/1980). A autora, então, faz uma aproximação do sintoma com o fantasma, em que ambos dizem respeito à manifestação de uma verdade censurada, verdade ligada ao modo de se haver com castração do Outro. O fantasma está ligado ao desejo, algo de mais fundamental em que, ao mesmo tempo, surge e encobre a maneira como o sujeito situa diante do desejo do Outro, remetido ao processo de separação, e que, diferentemente da fantasia, o fantasma não é tão flexível a ponto de manifestar-se a consciência.

Mannoni (1970/1971) apresenta, a partir da construção do grafo do desejo, a constituição do sujeito como desejante, em que o arranjo da fantasia rege dois níveis do funcionamento do desejo. O primeiro nível é chamado de apelo e remete, pois, às primeiras exigências na busca por um objeto, na qual indivíduo está “desesperadamente em busca de um objeto que nunca chega a atingir” (p. 145). O segundo nível diz de uma repressão primitiva do desejo consistindo em um encontro com um objeto substitutivo, provocando desejos secundários, uma procura por esse objeto perdido.

Na debilidade mental, a criança e sua mãe vão formar uma unidade de relação, em que “o desejo de um se confunde tanto com o desejo do Outro, que os dois parecem viver uma única e mesma história” (Mannoni, 1964/1995, p. 37). Porque a mãe impediria a intromissão de um

outro, para além dela mesma, a criança apresentaria dificuldades em relação ao significante paterno assim como dificuldades em desvencilhar do desejo estrito da mãe (Mannoni, 1964/1995).

A constituição do sujeito: Mannoni com Lacan

Na psicanálise, não se considera que o sujeito tenha sua estrutura estabelecida desde sempre, nem se trata de um desenvolvimento a partir de um amadurecimento biológico ou condições cognitivas. Dessa forma, o sujeito será compreendido por meio de uma constituição que se consolida principalmente por intermédio de uma relação.

Na teoria lacaniana foram desenvolvidas, especificamente, as questões relacionadas à constituição do sujeito. Nesta proposta, não se trata de perceber o sujeito em um modo que se desenvolve numa lógica de estágios na qual o sujeito vai progredindo ao longo da sua maturidade: “o sujeito, portanto, se constitui, não ‘nasce’ e não se ‘desenvolve’” (Elia, 2004, p. 31). O sujeito é, portanto, do inconsciente, o qual, por sua vez, é estruturado como uma linguagem.

Para os propósitos desse artigo, entendemos ser importante compreender a constituição do sujeito pelo diálogo que Mannoni mantém ao retornar à teoria lacaniana e freudiana. Na clínica da debilidade, por exemplo, a autora identifica impasses na constituição do sujeito fazendo referência à teorização lacaniana a respeito dos registros Imaginário, Simbólico e Real. Nesse caso, ela cita, por exemplo, a relação dual na qual a criança está colocada e, conseqüentemente, vive-se uma lacuna na dimensão do simbólico. E não somente pelo entendimento dessa clínica que Mannoni utilizou esses registros como explicativos da constituição do sujeito. Esse desenvolvimento teórico que fez retorno constante a Freud e Lacan tornou-se base para o percurso teórico que lhe foi próprio. Por defender que a clínica deveria ser voltada para a compreensão do sujeito e suas relações, a psicanalista afirmou que “é a coexistência do simbólico, do imaginário, do real que rege a relação do indivíduo com o seu semelhante” (Mannoni, 1970/1971, p. 81).

Desse modo, para alcançar o percurso de Mannoni, faremos um recorte do entendimento a respeito da passagem pela dimensão imaginária, prosseguindo para a fase da etapa especular e avançando até a dimensão simbólica, que foram questões trazidas da teoria lacaniana; além disso, entendemos ser importante apresentar, quando citado pela autora, conceitos também da teoria freudiana na tentativa de estabelecer um diálogo entre essas teorizações. Passemos para a apresentação daquilo que elegemos como ponto de partida para essa discussão, o imaginário.

Sobre a dimensão imaginária, Mannoni (1970/1971, p. 86) identifica que há uma indiferenciação primitiva entre o sujeito e o objeto, na qual se busca a satisfação através de uma realização. Esse campo se origina nas primeiras experiências e se mantém da necessidade insatisfeita. Nesse sentido, essa dimensão foi associada pela autora ao princípio de prazer que consiste em obter prazer e livrar-se do desprazer, como ocorre na experiência da amamentação. Outro aspecto importante desse campo, considerado pela autora, é que ele, além de primitivo, indica uma etapa especular em construção (Mannoni, 1970/1971, p. 87).

Seguindo para a próxima etapa, que corresponde à etapa especular, a autora, então, retoma as noções de base a respeito do estádio do espelho como desenvolvido por Lacan. No texto “O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”, Lacan (1949/1998) indica que o *eu* não é o ponto de partida, aquele já estruturado

desde sempre. Para o autor, a constituição se dará principalmente por intermédio de uma relação. O *eu* corporal se constitui pela relação com a imagem capturada, no registro imaginário.

Sendo assim, o estádio do espelho demarca um campo no qual as relações influenciam a manifestação do *eu* corporal, ou melhor, neste estádio há o estabelecimento de “uma relação do organismo com sua realidade” (Lacan, 1949/1998, p. 100). Uma identificação com o outro como semelhante escrito com letra minúscula, na qual, em outro tempo, se assume uma imagem fundamental. Mannoni (1970/1971) comenta que a criança se fascina não exatamente pela sua imagem refletida no espelho, mas por ser vista por sua mãe. Uma identificação com o outro como semelhante escrito com letra minúscula, permitindo o aparecimento do eu-especular.

Mannoni (1970/1971, p. 87) afirma que esse período se localiza entre o autoerotismo e o narcisismo. O autoerotismo, que corresponde à definição dada por Freud (1905/2016) como a atividade sexual que ainda não possui um objeto externo, sendo, assim, voltada para o próprio corpo. O caráter autoerótico está ligado às fases elementares daquilo que Freud desenvolveu a respeito da manifestação sexual infantil, períodos do desenvolvimento associados à determinadas zonas erógenas (Garcia-Roza, 2009).

Em relação ao narcisismo, Mannoni (1970/1971) embasa seu pensamento de acordo com o estudo de Freud (1914/2010) a respeito da introdução ao narcisismo, ela que convoca a diferenciação entre narcisismo primário e secundário. No primário, temos o surgimento do Eu-ideal, a instância na qual a criança encontra-se identificada ao lugar a ela atribuído no desejo dos pais, estando, portanto, objetificada: “A criança vai, então, reconhecer no ego especular (investido pela libido materna) seu Eu ideal (objeto do narcisismo primário)” (Mannoni, 1970/1971, p. 141, nota 129). No narcisismo secundário, o que está em jogo é o movimento de identificação, a alienação diante da imagem no espelho, vividos pela criança no segundo tempo da etapa especular. Portanto, Mannoni (1970/1971, p. 142) aponta que, mesmo que haja a identificação especular, será através de uma *palavra* que permitirá o discernimento da imagem de si.

Para que haja a operação da separação dessa alienação fundamental, Mannoni (1967/1980, p. 109) retoma que é necessário que aconteça a passagem das fases narcísicas à etapa do Édipo para a introdução da dimensão simbólica, o nome do Pai. A fase do Édipo, na teoria freudiana, representa o fenômeno central da organização sexual da primeira infância que consiste, principalmente, em tomar a mãe como objeto de amor, no caso do menino, e a ela direcionar as manifestações sexuais, e pelo pai ter sentimentos hostis. Já no caso da menina, ela deseja ser amada pelo pai assim como o ama, direcionando sua hostilidade à mãe (Freud, 1900/2019).

A fase do Édipo foi reformulada por Lacan ao estabelecer a introdução da metáfora paterna, na qual sua função é de exercer a abertura de separação do desejo materno, experimentada através da substituição da dualidade da relação mãe-criança pela instauração do significante “Nome-Do-Pai”. Portanto, a metáfora paterna interdita a satisfação desse desejo, exercendo a função de lei simbólica, a castração (Lacan, 1958/1999). Melhor dizendo “é pela linguagem que vai sair da prisão imaginária e articular sua pergunta com um domínio que lhe era impossível enquanto permanecia sob o efeito de uma pura relação imaginária” (Mannoni, 1967/1980, p. 63).

Nessa altura, há abertura para incorporação da criança no registro simbólico. Além disso, esse momento marca uma ausência materna, na qual a mãe indica possuir outros interesses para além da criança. A função paterna não se limita ao pai enquanto indivíduo de carne e osso. Ela pode ser inscrita de outras maneiras e por outro significante associado a essa ideia de proibição da satisfação da mãe com o filho e vice-versa.

A introdução de um terceiro termo na relação mãe-bebê, o declínio das primeiras identificações, conduz a criança para que se tenha acesso ao simbólico, assim como à constituição de um sujeito que deseja e se abre às possibilidades de resposta quanto ao desejo do Outro, como a recusa, a confirmação ou a transformação dos significantes recebidos, sem tomá-los como condenação.

Em suma, mostramos que Mannoni, em seu percurso teórico, retoma conceitos da teoria lacaniana e da teoria freudiana como base para sustentar sua articulação a respeito da travessia das operações fundamentais durante a constituição da subjetividade. Ela não apresenta suas construções de forma linear, pois buscava sempre dialogar com sua atuação clínica. Assim, sua escrita se desenvolvia à medida que os temas surgiam em clínica.

Observa-se, também, que a autora parte do entendimento de que a criança realiza um movimento de passagem pela dimensão imaginária, denominada como pré-especular, na qual se indica o atravessamento para o universo simbólico, que consiste em uma etapa de indiferenciação com relação ao objeto, possibilitando a preparação para a etapa especular. Essa etapa tem a ver com a captura da imagem do outro, na qual a criança reconhece sua própria imagem e se situa como diferente da imagem do outro, ainda que necessite de cuidados para sustentar-se diante do espelho, caracterizando uma alienação fundamental do eu.

Por fim, discutimos a travessia para o universo simbólico tal como retomado por nossa autora. Nessa operação, ocorre a separação da dualidade de relação mãe-bebê com a entrada de um terceiro termo, cuja função é realizar a castração simbólica.

Adiante, abordaremos as questões em relação à clínica da debilidade mental trabalhadas pela nossa autora e iniciaremos pelos impasses na operação da separação nesses casos.

Os impasses na separação nos casos de debilidade

Durante o desenvolvimento teórico de Mannoni acerca da clínica da debilidade, a psicanalista se vê diante de impasses que a levaram a questionar a estrutura na qual a criança estava situada. Em determinados momentos, indagou, por exemplo, se tratava de uma psicose ou neurose obsessiva grave (Mannoni, 1964/1995, p. 36). Esse questionamento indica o quanto Mannoni considerava a clínica como uma prática através da qual, antes de posicionar a criança em uma determinada estrutura psíquica, é fundamental considerar o sentido que teria sua debilidade na trama familiar.

Na mesma direção argumentativa, Lacan (1969/2003), em “Nota sobre a criança”, considera que, independente de qualquer estrutura, a criança responde com seu sintoma ao discurso parental. Nesse sentido, a não operação da mediação, função exercida pela função paterna, entre a identificação e o ideal do eu, expõe a criança a manter-se como objeto na fantasia da mãe. Ressaltamos que, mesmo apresentando impasses na separação desses casos, as dificuldades aqui não se confundem com aquelas encontradas na psicose.

Discutimos há pouco as questões relacionadas às primeiras identificações, nas quais o sujeito, ainda que em processo de constituição de sua própria identidade, encontra-se alienado às identificações primárias. Nas palavras de Colette Soler (1997), “a alienação é o destino. Nenhum sujeito falante pode evitar a alienação. Mas a separação não é o destino. A separação é algo que pode ou não estar presente” (p. 62). Por esta causa, a separação da relação dual da criança com a mãe exige um terceiro termo que promova uma castração simbólica, podendo estar foracluída como no caso da psicose ou recalcada na neurose.

Já dizia Mannoni (1982/1986) que a experiência do recém-nascido exige tempo para que ele passe de um momento em que a mãe, o outro, é tomado como despedaçado ao momento em que o bebê assimila o corpo e torna-se capaz de se relacionar com a mãe separada dele, “portanto, o nascimento do sujeito para o outro efetua-se ao preço de uma *perda*, que sela para ele a passagem do ser (eu-tu) para o ter (eu-para-ti, eu contigo)” (p. 8). Será pela travessia da operação de separação que a criança diante do desejo do Outro percebe que há intervalos nos quais se abrem possibilidades para que se interroge sobre esse desejo.

No entanto, quando a mãe se ocupa inteiramente da criança, isto é, “quanto mais atende à necessidade, mais a criança é privada da mãe simbólica” (Mannoni, 1982/1986, p. 24), dificultando que a criança prospere em direção à sua própria subjetividade, confirmando os casos nos quais os pais não conseguem deixar de ser presença em todo o tempo, impossibilitando, nesse sentido, que a criança descubra a diferença (Mannoni, 1982/1986).

A relação com a ausência do adulto permite o encontro com o desejo, o apelo por sua presença, visto que o desejo se sustenta na falta, condição necessária para a formulação de uma demanda; portanto, “é a partir da falta de ser que o sujeito sustenta um apelo, para receber do Outro o complemento desse apelo. Quando o adulto está demasiadamente presente no nível da necessidade, a criança tem dificuldade em fazer-se ouvir no registro do desejo” (Mannoni, 1982/1986, p. 61). Estar sob uma presença plena da mãe na relação com o filho com debilidade será sentido pela mãe como aquele a quem deve receber para sempre seus cuidados maternos, existe uma determinação sentida por ela.

A dualidade nos casos de debilidade, acredita Mannoni (1964/1995), desperta algumas vezes satisfações na mãe; à medida que o filho se desenvolve, a evolução passa a ser vivenciada como perda de objeto, “como se a criança deixasse uma parte do corpo materno” (p. 35). A psicanalista complementa que, mesmo diante da tentativa de transformar a criança em objeto, ainda sim “é como objeto parcial que a criança é o alvo da demanda do Outro” (p. 105).

Ana Lydia Santiago (2005) identifica na obra de Mannoni (1964/1995) quatro etapas da relação dual da mãe com a criança débil como constituinte da subjetividade da criança e que complica o acesso desta à verdade da castração. Na primeira etapa, independentemente de a mãe ser biológica ou adotiva, há um momento primeiro em que, antes da existência do filho, há um desejo de tê-lo, esse momento tem relação com um sonho, projeta-se um filho futuro. Nas palavras de Mannoni (1964/1995), existe “uma espécie de evocação alucinatória de alguma coisa de sua própria infância que foi perdida” (p. 42).

Na segunda, quando acontece o nascimento do filho desejado, há um desencontro, pois nunca haverá correspondência entre o bebê que nasce e o projetado anteriormente. Não há cobertura simbólica e imaginária que dê conta do nascimento, há sempre um trabalho psíquico a se fazer. O nascimento é uma primeira vivência de decepção materna, a qual rompe com a fusão anterior. O bebê que surge é um ser de carne e osso separado de sua mãe (Mannoni, 1964/1995).

No terceiro tempo, a partir do instante em que o filho se separa da mãe, ela tenta reestabelecer seu sonho com o intuito de diminuir a sua decepção, que tem a ver com sua própria história na infância. E, por último, com esse sonho refeito, a mãe trará exigências para que o filho corresponda às suas expectativas, a relação entre os dois será instituída como enganadora, em que muito será exigido do filho. Assim, enquanto o filho responde a essa demanda, o desejo se dissipa, sendo a construção da fantasia materna que possibilita substituir a criança pela busca do objeto perdido (Mannoni, 1964/1995).

A mãe, então, na crença de que está impossibilitada de se ausentar dos cuidados do filho, fará com que a criança permaneça no lugar de preencher sua própria falta; nesse caso, a mãe se coloca numa relação totalitária. Mannoni (1964/1995), então, orienta que se faz necessário, por parte do analista, separar a história do filho e a da mãe para não se manterem na alienação, a criança incorporada na história da mãe.

Mannoni (1967/1980) reafirma a importância de a criança passar por conflitos identificatórios em que aprenda a deixar a fixação da relação dual para adentrar outra ordem, a da linguagem, ou seja: “nas relações com os pais, a criança deve aprender a deixar uma situação dual (de fascinação imaginária) para introduzir-se numa ordem ternária – quer dizer, estruturar o complexo de Édipo, o que não pode se fazer senão pela sua entrada na ordem da linguagem” (p. 29). No entanto, é importante ressaltar que, sentida a influência da mãe nessa relação dual, é necessário também compreender a maneira como a criança modifica e induz a mãe a adotar determinadas respostas diante do filho.

O desejo de saber e a fala na debilidade

Freud (1905/2016) trabalha com a teoria de que a criança, por volta dos seus 5 anos, demonstra interesse em saber sobre os problemas sexuais. Esse momento é marcado pelo movimento de uma pesquisa infantil que gira em torno da incógnita sobre a origem das crianças, porém, aparece de outras formas e não somente através desta questão em particular. No entanto, o débil não se movimenta em busca desse questionamento da sua pesquisa, posto que o desejo de saber se encontra interceptado pela posição da criança perante o desejo da mãe. Ele, então, não reconhece equívocos, pois sua posição releva uma dificuldade de ele falar já que é falado por alguém, relacionado à sua posição de objeto a ser reeducado (Mannoni, 1964/1995).

A mãe, impossibilitada de perceber e elaborar suas próprias questões, aponta que o obstáculo está exclusivamente na criança. Deste modo, impede que seu filho desperte da demanda materna, que paralisa o sujeito na sua pesquisa por ser com base nessa relação que a criança ocupará a mãe com todas as necessidades de cuidados e poderá ser amada (Mannoni, 1964/1995). Então, “toda a pretensão do filho à autonomia vai corresponder imediatamente ao desaparecimento, para a mãe, do suporte fantasmático de que ela tem necessidade” (Mannoni, 1964/1995, p. 42)

Mannoni (1964/1995) afirma que essas crianças:

Não têm a possibilidade de se interrogarem sobre a sua falta de ser, porque essa falta, tomada ao nível da realidade pelos que as rodeiam, vai de qualquer modo condicioná-las a não sofrerem e a preencherem um vazio (o seu vazio intelectual, escolar), sem que nunca se coloque a questão de saber se este vazio real não se duplica, na mãe, pela sua própria falta de ser, cujo acesso se acha raramente barrado para a criança pelo significante paterno. (p. 23)

Sobre a questão do saber e da verdade na debilidade, Vorcaro e Lucero (2011), fazendo retorno às elaborações de Mannoni e Lacan, dialogam com os 4 discursos de Lacan (1969-1970/1992) apresentados pelo autor no seminário 17. Nesse seminário, é proposto que o discurso é o meio mais direto de estabelecer o laço social. Além do mais, discutiu-se a forma como esses laços são desenvolvidos. Os quatro discursos são o do Mestre, correspondendo ao impossível de governar; o Universitário, como impossível de educar; da Histórica, o impossível de fazer desejar; e do Analista, como impossível de analisar. São quatro letras de base: *a* (corresponde ao *objeto a*, causa de desejo), *§* (sujeito barrado), *S_I* (Significante-Mestre) e o *S₂*

(o saber). Eles são apresentados de modo a manter entre si uma ordem na qual podem tanto se operarem de forma progressiva tal qual o sentido horário, ou regressiva no sentido anti-horário, que se montam a partir de uma estrutura fixa, conforme a estrutura a seguir:

$$\frac{\text{o agente}}{\text{verdade}} \quad \frac{\text{o outro}}{\text{a produção}}$$

A partir desses quatro lugares, organizam-se as operações que produzem os discursos conforme um quarto de volta. Os matemas de cada discurso são:

Mestre	Histórica	Analista	Universitário
$\frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a}$	$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$	$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$	$\frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{\$}$

Vorcaro e Lucero propõem um matema específico para a debilidade, defendendo que essa posição seria uma espécie de flutuação entre os discursos do mestre e do universitário, pois o débil toma o lugar da verdade ao mesmo tempo em que o saber produzido é excluído pelo próprio sujeito. O sujeito débil, para elas, estaria em um lugar de *entre*, entre os discursos do mestre e do universitário (Vorcaro & Lucero, 2011).

Em primeiro plano, para se pensar na aderência do discurso do mestre, Vorcaro e Lucero (2011) explicam que a mãe toma como verdade aquele discurso, colocando em xeque um saber no filho. Há uma limitação de significantes, isto é, quando a mãe não consegue exercer a função de dar ao filho significantes que o representem — em outras palavras, oferecer-lhe significantes para a produção de um saber sobre si e para que ele se posicione nas relações —; a mãe buscará essa verdade em outro discurso para nortear os cuidados com o filho (Vorcaro & Lucero, 2011). A mãe detém o saber sobre o filho tomado de outro lugar.

Com referência ao discurso universitário, a mãe reduz seu filho a um organismo ao tomá-lo a partir de uma nomeação proveniente do saber científico. Tal saber, pleno e sem brechas para interrogações, promove uma identificação, através da qual a criança torna-se “[...] transparente a ele, sem qualquer interceptação, diferença, equívoco, ou seja, sem localizar um ponto de corte a partir do qual possa separar-se dessa alienação” (Vorcaro & Lucero, 2011, pp. 821-822).

Para exemplificar, vejamos abaixo o matema tal qual proposto por Vorcaro e Lucero (2011):

$$\frac{S_1}{S} \rightarrow \frac{A}{S_2}$$

Nesse matema, o sujeito débil é representado pelo S não barrado, está no lugar da verdade. O S₁, o significante Mestre é o agente, conforme o discurso do mestre. O Outro é absoluto, que faz apenas a reprodução de saber, provocando a exclusão do saber que o próprio sujeito produziu (Vorcaro & Lucero, 2011).

Mesmo Mannoni não tendo trabalhado especificamente com o tópico da fala na debilidade, durante sua pesquisa há evidências, através dos seus estudos com a teoria lacaniana, do quanto a autora se importava, para além das determinações dessa clínica, em considerar a fala do sujeito para que a partir dessa consideração fosse possível entender como a criança se situava em seu próprio discurso e no discurso dos pais. Durante a análise com a criança, percebeu que “o seu

discurso é o relato detalhado, sem nenhuma cor afetiva, dos pequenos acontecimentos da semana” (Mannoni, 1964/1995, p. 29).

Santiago e Mrech (2017), conforme essa descrição de Mannoni, apontam para o modo como essas crianças “se fixam por identificação a significantes de outros, de familiares mais próximos, sobretudo de sua mãe” (p. 190). Inclusive trabalham com a relação do sujeito débil e os elementos deficitários de sua linguagem, em que descrevem a identificação associando-a ao bloqueio da dimensão da metáfora, na qual gera impedimento na movimentação de sentidos e o fechamento de equívoco da mensagem na qual surge a verdade do sujeito (Santiago & Mrech, 2017).

É por esse motivo, pela inoperância da dimensão metafórica, que o relato de crianças débeis se encontra nessa lógica assim chamada por Mannoni (1964/1995) de “disco de tonalidade impessoal” (p. 29). Nesse sentido, principalmente pela relação que a criança tem com o saber vindo do Outro, como dito acima, “o débil fica reduzido aos ditos da mãe, àquilo que ela nomeia e a imagem de seu corpo não se sustenta por significantes verdadeiramente incorporados” (Vorcaro & Lucero, 2011, p. 822). A criança se coloca como aquela que não contesta, ele repete exatamente esses enunciados para falar de si, ela adota literalmente o saber do Outro (Santiago & Mrech, 2017).

Na teoria lacaniana, para haver a separação do par de significantes ($S_1.S_2$) é necessário haver a substituição do significante de desejo materno pelo Nome-do-Pai, possibilitando, portanto, a abertura do intervalo entre eles e a implicação do sujeito na cadeia significantes. No entanto, quando esse par primordial não se separa, em função da relação dual da mãe com a criança débil, temos a holófrase, que diz respeito à solidez dos significantes, que anula o intervalo que poderia haver entre os dois e, assim, no espaço que poderia existir entre esses elementos, entre o $S_1.S_2$, faz parecer que existe apenas o significante S_1 (Santiago & Mrech, 2017).

No *Seminário I – os escritos técnicos de Freud*, Lacan (1953-1954/1986) aborda inicialmente o conceito de holófrase e afirma: “há frases, expressões que não são decomponíveis, e que se reportam a uma situação tomada no seu conjunto – são as holófrases” (p. 257). Em outras palavras, ela é um “tipo de frase condensada na qual seus elementos constituintes – artigo, substantivo, verbo etc. – encontram-se aglutinados, ou seja, a frase inteira se apresenta como uma só palavra” (Vorcaro & Lucero, 2011). Já no *Seminário II: os quatro conceitos fundamentais de psicanálise* (1964/1988), Lacan retoma a noção de holófrase com a cadeia significante na psicose. Aqui o autor aponta que, tanto na psicose como na debilidade, essa condição da holófrase, a solidez do par de significante, serão apresentadas da mesma ordem.

É importante notar que a manifestação da holófrase acontece tanto na psicose quanto na debilidade mental. No entanto, a diferença está no efeito que ela causa em cada um dos casos. A esse respeito, Santiago e Mrech (2017) apresentam a distinção na psicose, que diz respeito a uma proibição quanto à abertura dialética, a qual se manifesta pelo fenômeno da crença presente nas alucinações. Em relação à debilidade, a holófrase não produziria um desaparecimento do sujeito, mesmo que haja a sujeição ao Outro, na qual remete uma ideia que de fato possa não existir. Nesse sentido:

O efeito da holófrase implica a obstrução do efeito de sentido dado pela metáfora, que, por conseguinte, inviabiliza a possibilidade de o sujeito interpretar a significação do que ele representa no campo do desejo do Outro. . . . O débil, contudo, não está bem posicionado para fazer tal pergunta e recebe uma única proposta de resposta, que o faz permanecer alienado. Para ele, não se estabelece uma série de identificações, mas apenas uma única identificação compacta (Santiago & Mrech, 2017, p. 191).

No trabalho analítico, é possível testemunhar impasses primordiais decorrentes da obstrução do efeito de sentido possibilitado pela metáfora. Santiago e Mrech (2017) identificam três dificuldades: a primeira delas está relacionada com a repetição do débil de forma caricatural da fala de outros ao falar de si, usando o silêncio como resposta às perguntas no encontro com o analista; a segunda é compreendida pela resistência da criança no que diz respeito à interpretação em análise, essa que possibilita a abertura de outras significações; e, por último, o movimento de abertura em direção à estrutura de linguagem ocorre somente mediante atuação, o *acting out*, que consiste em ações compulsivas e previsíveis.

Considerações finais

Consideramos que, desde as indicações clínicas de Mannoni, a psicanálise construiu um olhar diferenciado para esse tema na clínica. Perceber a debilidade como posição subjetiva nos dá condições para conduzir o tratamento para revelar a verdade que sustenta esse sujeito e considerá-lo para além do déficit cognitivo.

Tal avanço na clínica da debilidade, inclusive, auxilia no raciocínio clínico que não reduza o sujeito a uma nosologia previamente estabelecida, como a da psiquiatria, que toma a debilidade apenas como incapacidade cognitiva. A ideia, apoiada em Mannoni, é compreender o discurso médico, mas ir além de um entendimento restritivo.

Ressaltamos que a constituição subjetiva na debilidade se organiza conforme três pontos centrais. O primeiro se dá em relação de presença total da mãe que, incumbida de realizar sua função materna, é exigida para que se realize os cuidados constantes com o filho débil. Pela determinação desse lugar de cuidadora, a mãe opõe-se a se ausentar da presença do filho, tomando-o como objeto de completude para seu desejo. Deste modo, estabelece uma relação com a criança, que tenta restringi-la a essa relação dual, evitando a introdução de outro termo que separe os dois.

Observamos que a clínica de Mannoni se direcionava em relação ao movimento de abertura para um novo sentido das identificações literais, desconstruindo aquilo que mantinha a fusão que havia entre os dois. O trabalho caminhava em direção a oferecer condições ao sujeito para questionar e separar-se das primeiras identificações, construindo, portanto, a perda dessa relação dual da mãe-criança e possibilitando a travessia da separação do desejo materno.

O segundo ponto que destacamos é a questão do desejo de saber. Mesmo entendendo a existência da dificuldade cognitiva, a criança, inconscientemente, não se mobiliza em busca de outros saberes para além daqueles que foram introduzidos por identificação. Nesse caso, a partir do saber da mãe que é buscado em outro lugar, tomado a partir do discurso da ciência, a criança evita conhecer os equívocos que a mensagem recebida possibilita. O sujeito débil toma como verdade o saber do Outro como absoluto, abstendo-se de reconhecer o próprio saber.

Percebemos, igualmente, os efeitos provocados na relação da criança débil com a sua fala, sendo que a obstrução do sentido dado pela metáfora paterna gera a holófrase dos significantes. Pois, a holófrase suprime o intervalo de um significante ao outro, condensando as palavras em um único termo.

Destacamos que, quando falamos de obstrução da metáfora paterna, não é o mesmo que a *foraclusão* percebida na psicose. A *foraclusão* é um mecanismo de defesa próprio dessa estrutura, sendo as estruturas caracterizadas por uma consolidação que não se modifica.

Nesse sentido, quando falamos da debilidade, compreendemos que ela se trata de uma posição subjetiva que surge da relação entre a criança e o par parental, principalmente da relação com o fantasma materno. Assim, de acordo com Mannoni, a debilidade pode existir em qualquer estrutura psíquica.

A retomada das contribuições de Mannoni, sobretudo pelo raciocínio clínico que se debruça sobre os elementos psicodinâmicos presentes na construção da debilidade tomada como sintoma de uma relação da criança com o Desejo da Mãe, é um modo de resistir à perspectiva de uma psicopatologia descritiva, a qual domina o cenário atual e tem efeitos de silenciamento acerca dos impasses vividos pela criança na relação com seus cuidadores primeiros.

Referências

- American Psychiatric Association, (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5* (5a ed.). Porto Alegre: Artmed
- Bercherie, P. (2001). A clínica psiquiátrica da criança: estudo histórico. Em O. Cirino, *Psicanálise e Psiquiatria com crianças: desenvolvimento ou estrutura* (pp. 127-155). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1983).
- Elia, Lma. (2004). *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Ferreira, I. C., & Batista, C. A. (2017). O olhar da psicanálise sobre a deficiência intelectual: de copista a autor de sua própria história. *Inclusão Social*, 10(2), 47-54. Recuperado de <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4031>.
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. Em S. Freud, *Obras completas* (Vol. 12, P. C. L. de Souza, trad., pp. 9-37). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2010). O inquietante. Em S. Freud, *Obras completas* (Vol. 14, tradução P. C. L. de Souza, trad., pp. 247-283). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em S. Freud, *Obras completas* (Vol. 6, P. C. L. de Souza, trad., pp. 13-176). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2019). O material e as fontes do sonho. Em S. Freud, *Obras completas* (Vol. 4, P. C. L. de Souza, trad., pp. 186-286). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1900).
- Garcia-Roza, L. A. (2009). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1986). *Seminário I - os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (1988). *Seminário 11-os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1992). *O seminário 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1998). O estágio do espelho como formador da função do eu. Em J. Lacan, *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1949).

- Lacan, J. (1999). A metáfora paterna. Em J. Lacan, *Seminário 5: as formações do inconsciente* (pp. 166-184). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (2003). Nota sobre a criança. Em J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 369-370). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969).
- Laurent, E. (1991). O gozo do débil. Em J. Miller (org), *A criança no discurso analítico* (pp. 131-135). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Mannoni, M. (1971). *O psiquiatra, seu "louco" e a psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1970).
- Mannoni, M. (1980). *A criança, sua "doença" e os outros*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967).
- Mannoni, M. (1986). *De um impossível a outro*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1982).
- Mannoni, M. (1995). *A criança retardada e a mãe*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1964).
- Poli, MC. (2007). Construção da fantasia, constituição do fantasma. Em C. Backes (org.), *A clínica psicanalítica na contemporaneidade* (pp. 43-49). Porto Alegre: UFRGS. Recuperado de <https://books.scielo.org/id/ckhzg/pdf/costa-9788538603870-05.pdf>
- Sanches, D. R. (2008). *Clínica psicanalítica: a debilidade mental em questão*. (Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).
- Santiago, A. L. (2005). Mannoni e a fusão de corpos. Em A. L. Santiago, *A inibição intelectual* (pp. 159-162). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Santiago, A. L. (2007). *Debilidade e déficit: origens da questão no saber psiquiátrico*. Belo Horizonte, MG: CliniCAPS.
- Santiago, A. L., & Mrech, L. M. (2017). Semiologia da inteligência e da atenção: do retardo funcional à função lógica da debilidade mental. Em A. Teixeira, & H. C. (orgs.), *Psicopatologia lacaniana* (pp. 187-199). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Soler, C. (1997). O sujeito e o Outro II. Em R. Feldstein, B. Fink, & M. Jaanus (orgs.), *Paralel o Seminário II de Lacan: os quatro conceitos fundamentais* (pp. 58-67). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Vorcaro, A., & Lucero, A. (2011). A criança e a debilidade mental: uma abordagem lacaniana. *Psicologia USP*, 22(4), 813-832. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642011005000034>

Revisão gramatical: Juliana Frota da Justa Coelho
E-mail: logosformatacoes@gmail.com

Recebido em abril de 2024 – Aceito em fevereiro de 2025.